

## Apresentação

Nesta 18ª Edição da Carta de Conjuntura da Saúde Suplementar, são apresentados (i) os dados econômicos e de beneficiários de planos de saúde do primeiro trimestre de 2012 (ambos publicados em junho/12) e (ii) uma análise dos possíveis impactos desses dados no mercado de saúde suplementar.

Os principais indicadores econômicos do 1ºTri/12 evidenciam uma desaceleração do nível de atividade econômica. O Produto Interno Bruto (PIB) cresceu apenas 0,2% em relação ao 4ºTri/11 e 0,8% em relação ao mesmo período do ano anterior.

Esse baixo nível de atividade da economia brasileira no 1ºTri/12 tem impactado o desempenho da indústria. De março de 2011 a março de 2012, o setor industrial apresentou crescimento de 0,1%, 3,7 pontos percentuais abaixo do resultado obtido no mesmo período de 2011.

O comportamento do câmbio foi um dos fatores conjunturais que contribuíram para esse baixo crescimento. A contínua valorização do Real nos 3 primeiros trimestres de 2011 propiciou a piora da competitividade dos manufaturados nacionais perante os similares importados, tanto no mercado externo quanto no interno. As perspectivas negativas devido à crise internacional também influenciaram a desaceleração da economia.

Diante desse cenário, o governo precisou adotar políticas para estimular a economia e fomentar o crescimento em 2012. Dentre as medidas adotadas, destaca-se a redução da taxa de juros básica da economia (Selic).

Essa taxa teve duas quedas no

1ºTri/12 e, ao final de março, chegou a 9,75% (era 11% em dezembro de 2011). Essa estratégia foi adotada para estimular o crescimento pelo aumento da demanda, já que propicia o financiamento dos consumidores e para o investimento das empresas.

Outra medida adotada foram as desonerações fiscais, como a redução do Imposto sobre Produtos Industrializados (IPI). Em geral, essas medidas objetivam incentivar a demanda a fim de aumentar a produção e reduzir estoque excedente.

No entanto, mesmo com o cenário econômico externo desfavorável e a desaceleração da economia nacional, o mercado de trabalho ainda tem apresentado resultados positivos, ainda que inferiores aos de 2011. No 1ºTri/12, houve um saldo líquido de 381.241 admitidos, embora tenha sido 27% menor do que no 1º Tri/2011. No setor industrial, por exemplo, foram 59.202 admitidos a mais do que demitidos. Esse número é 56% menor do que o do mesmo período de 2011.

Ressalta-se que o setor industrial como um todo é responsável pelo emprego de 16,2% das pessoas ocupadas, segundo a Pesquisa Mensal do Emprego (PME). Essa representatividade pode ter impactos negativos no mercado de trabalho quando há um fraco desempenho desse setor.

Apesar do atual cenário econômico ser pessimista, o impacto sobre o mercado de trabalho formal ainda tem sido baixo: a taxa de desemprego está baixa em relação à série histórica e a diferença entre admitidos e desligados permanece positiva.

Cabe salientar que o trabalho formal é o principal meio de

## Nesta Edição

	pág
1. Seção Especial	2
2. Cenário Macroeconômico	3
2.1. Nível de Atividade	3
2.2. Emprego	3
2.3. Renda	4
2.4. Consumo	4
2.5. Inflação	5
2.6. Mercado de Juros e Crédito	5
2.7. Câmbio	5
3. Síntese do Cenário Macroeconômico	6

acesso a planos de saúde dos brasileiros. Por isso, o menor crescimento no emprego pode vir a impactar o setor de saúde suplementar. Além disso, a indústria, que vem apresentando índices baixos de crescimento, é o principal setor contratante de planos de saúde. O setor industrial é responsável por 29,6% dos beneficiários de planos coletivos empresariais (Caderno da Agência Nacional de Saúde Suplementar, publicado em 2011).

Apesar da tendência pessimista para o cenário econômico, as perspectivas para o mercado de saúde suplementar são mais otimistas, pois a expectativa é que o mercado de trabalho formal não apresente resultados negativos, pelo menos a médio prazo.

Luiz Augusto Carneiro  
**Superintendente Executivo**

**1. Seção Especial**

**O comportamento do mercado de trabalho e sua relação com o crescimento do número de beneficiários de planos de saúde**

Apesar da desaceleração da economia, que apresentou crescimento de 0,2% no 1ºTri/12, o saldo de criação de empregos para esse período foi positivo: 381.241 novos postos de trabalho.

Entretanto, esse número de empregos criados foi 27% inferior em relação ao 1ºTri/11. Dessa forma, apesar do fraco desempenho econômico não ter impactado fortemente o mercado de trabalho, já há alguma desaceleração.

Dentre os cinco grandes setores da economia<sup>1</sup>, apenas o de Construção Civil apresentou crescimento na criação de empregos. Seu saldo foi 57% superior em relação ao 1ºTri/11.

Indústria, Serviços e Agropecuária mais admitiram do que demitiram, embora em magnitude inferior ao mesmo período do ano passado.

O pior resultado foi verificado no setor do Comércio, que, no 1º Tri/11, apresentou saldo negativo de 4.553 demissões e, no 1ºTri/12, permaneceu negativo, com saldo de 36.578 demissões.

Esse cenário é de suma importância para o setor de saúde suplementar, pois, dos 47,9 milhões de beneficiários de planos de saúde no 1ºTri/12, 63% são beneficiários de planos coletivos empresariais (ANS Tabnet). Há, inclusive, uma concentração de beneficiários desse tipo de plano em dois importantes setores da economia: no da Indústria, há um total de 29,6% beneficiários de planos coletivos empresariais e, no Comércio, 14,4%, de acordo com levantamento realizado pela ANS em 2011.

Ainda que atualmente esteja ocorrendo um processo de formalização de postos de trabalho, a desaceleração do crescimento de admitidos em relação a desligados, principalmente na Indústria e no Comércio, pode ter influenciado a desaceleração da taxa de crescimento do número

de beneficiários de planos coletivos. Isso porque existe uma relação entre o número de beneficiários de planos coletivos empresariais e o comportamento do mercado de trabalho.

Ao se observar essa relação ao longo do tempo (Gráfico abaixo), nota-se que as séries apresentam tendência parecida de crescimento.

Durante o período do 1ºTri/07 ao 1ºTri/12, o número de admitidos, apesar de apresentar altos

e baixos, demonstra predominantemente tendência de crescimento. O número de beneficiários também aumentou durante todo o período analisado.

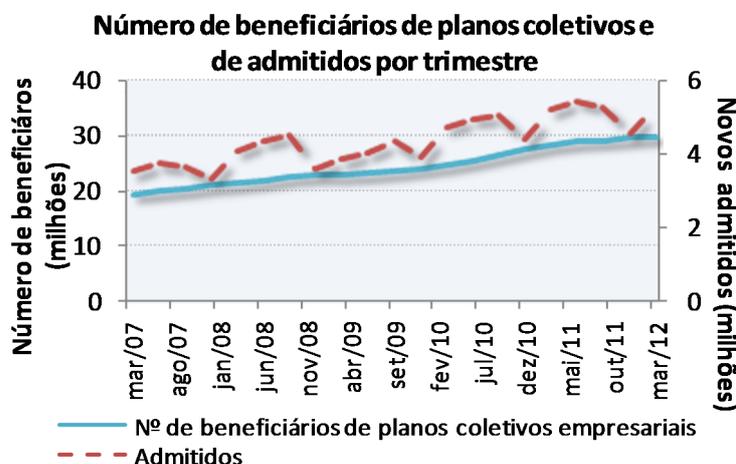
Para corroborar este fato, a correlação estatística entre as duas variáveis é positiva e próxima de 1

(0,85). Isso indica um forte grau de relação, isto é, quando uma variável apresenta tendência de crescimento, a outra também cresce.

De fato, do 1ºTri/07 ao 1ºTri/12, o número de beneficiários em planos coletivos empresariais cresceu 53%, enquanto o número de admitidos cresceu 51% nesse período.

Portanto, se o desempenho da economia desacelera de tal forma que impacta negativamente o mercado de trabalho e as contratações, o número de beneficiários tende a crescer a taxas menores, pois haverá menos trabalhadores sendo admitidos e adquirindo um plano de saúde de contratação coletiva. O número de beneficiários pode até mesmo diminuir se crescer consideravelmente o desemprego.

Portanto, a atual configuração do setor de saúde suplementar, composto majoritariamente por planos coletivos, exige o acompanhamento constante do mercado de trabalho para melhor compreender a evolução do setor.



## 2. Cenário Macroeconômico

### 2.1 Nível de Atividade

O nível de atividade da economia brasileira apresentou crescimento discreto neste 1º trimestre de 2012. O crescimento do Produto Interno Bruto (PIB) foi de 0,2% no 1º Tri/12 em relação ao 4º Tri/11. A variação em 12 meses foi de 0,8%, taxa inferior à observada no 1º Tri/2011, que foi de 4,2%.

Dentre os principais setores econômicos que contribuíram para esses índices, a Agropecuária destaca-se pela retração de 7,3% no primeiro trimestre. Nesse mesmo período, a Indústria expandiu em 1,7% e os Serviços em 0,6% (Gráfico 2).

Apesar de ter apresentado crescimento no 1º Tri/12 em relação ao 4º Tri/11, o setor industrial manteve-se praticamente estagnado em comparação com o 1º Tri/11, com crescimento de 0,1%.

As expectativas para o fechamento da economia no ano de 2012 estão abaixo da previsão feita no início do ano, segundo o Boletim Focus do Banco Central. Nessa época, a expectativa de crescimento do PIB em 2012 era um pouco acima de 3,0%. Contudo, devido à crise mundial e à estagnação da produção industrial nacional, o mercado tem rebaixado a expectativa de crescimento seguidas vezes. A última, divulgada em 29 de junho, foi de 2,1%.

Como medida de estímulo à economia, os juros básicos (taxa Selic) têm caído e a expectativa de inflação medida pelo IPCA mantém-se abaixo do teto da meta, em 4,9%.

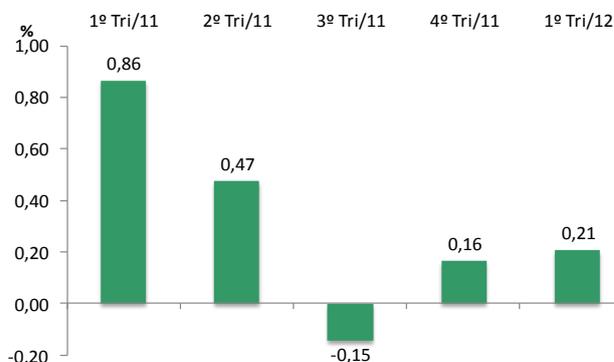
### 2.2 Emprego

O saldo de criação de empregos no 1º trimestre de 2012 foi positivo, ainda que 27,5% menor do que o saldo para o mesmo período de 2011, segundo o Cadastro Geral de Empregados e Desempregados do Ministério do Trabalho (Caged). Foram criados ao todo 381.241 novos postos de trabalho no mercado formal no 1º Tri/12.

Os setores que mais contribuíram para esse crescimento foram serviços (257.863) e construção civil (105.945) que, juntos, respondem por 96% do saldo positivo. A indústria foi responsável por 16% dos novos postos. Já o comércio e a agropecuária mais demitiram do que contrataram.

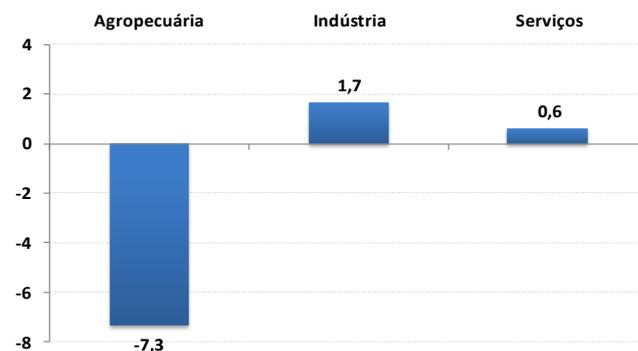
A maioria dos novos postos de trabalho (79%) foi criada em empresas de 1 a 4 funcionários

**Gráfico 1: Taxa trimestral de crescimento do PIB.**



Fonte: Contas Trimestrais IBGE.

**Gráfico 2: Taxa de crescimento por setor 1º Tri/2012**



Fonte: Contas Trimestrais IBGE.

**Tabela 3 - Expectativas de mercado para 2012**

Indicador	Expectativa
IPCA ( $\Delta\%$ )	4,93
IGP-M ( $\Delta\%$ )	5,87
Meta Taxa Selic (%)	7,50
Câmbio (R\$/US\$)	1,95
PIB ( $\Delta\%$ )	2,05

Fonte: Boletim Focus divulgado dia 29/jun/2012

**Tabela 4: Saldo líquido de admitidos e desligados no 1º Tri/12 por porte da empresa**

Porte da empresa (por nº de empregados)	Total	Proporção do total (%)
ATÉ 4	299.773	78,6
DE 5 A 9	-16.682	-4,4
DE 10 A 19	-11.670	-3,1
DE 20 A 49	8.462	2,2
DE 50 A 99	11.182	2,9
DE 100 A 249	23.472	6,2
DE 250 A 499	32.174	8,4
DE 500 A 999	38.579	10,1
1000 OU MAIS	-4.049	-1,1
<b>Total</b>	<b>381.241</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Caged/MTE.

(Tabela 4), as quais geraram um saldo positivo de 299.773 novos empregos, ao passo que as empresas com mais de 1.000 empregados mais demitiram do que admitiram.

A taxa de desemprego, nos três primeiros meses deste ano, apresentou tendência acentuada de elevação, atingindo 6,2% em março. Ainda assim, a taxa está no nível mais baixo da série histórica.

Como se sabe, a taxa de desemprego apresenta um comportamento sazonal durante o ano, elevando-se no 1º trimestre, para, em seguida, apresentar trajetória de queda. Logo, apesar da aceleração no 1ºTri/12, em abril, a tendência de aumento reverteu-se e a taxa de desemprego caiu para 6,0%.

### 2.3 Renda

Segundo Pesquisa Mensal do Emprego (PME), no 1º Tri/12, o rendimento real médio da população ocupada cresceu 4,8%. No acumulado em 12 meses, o crescimento foi de 8,3%. O maior crescimento em 12 meses foi entre os trabalhadores que atuam por conta própria (10,0%) e o menor entre os trabalhadores do setor público (5,5%).

Dentre as regiões metropolitanas analisadas pela PME, destaca-se a RM de Salvador, cujo rendimento médio mensal aumentou 18% de março de 2011 a março de 2012. Em Belo Horizonte, o avanço foi de 9,2%; em São Paulo, de 6,7%; em Recife, 4,4%. Porto Alegre e Rio de Janeiro apresentaram os menores crescimentos: 1,7% e 1,1%, respectivamente.

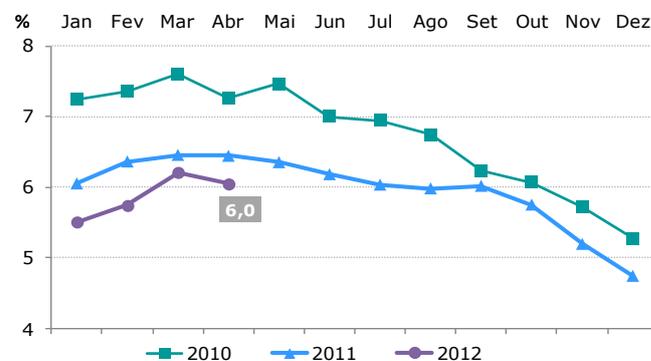
### 2.4 Consumo

No 1ºTri/12, houve um maior crescimento do consumo do governo em comparação ao consumo das famílias, tanto em relação ao trimestre anterior quanto no acumulado em 12 meses.

Enquanto o consumo do governo apresentou um crescimento de 1,5%, o das famílias foi de 1,0% no 1ºTri/12. No acumulado em 12 meses, os crescimentos apresentados foram de 3,4% e 2,5% para governo e famílias, respectivamente.

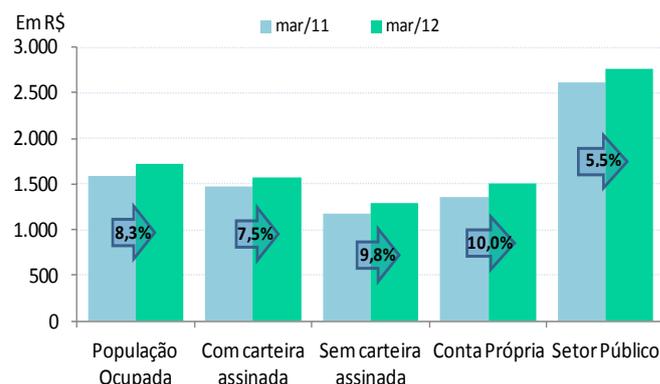
A participação do consumo no PIB também cresceu, passando de 59,5% no 4º Tri/11 para 64,0% no 1º Tri/12. O crescimento do consumo é uma resposta às medidas de estímulo à economia adotadas pelo governo, como, por exemplo, expansão do crédito.

**Gráfico 3: Taxa de desemprego (% da PEA)**



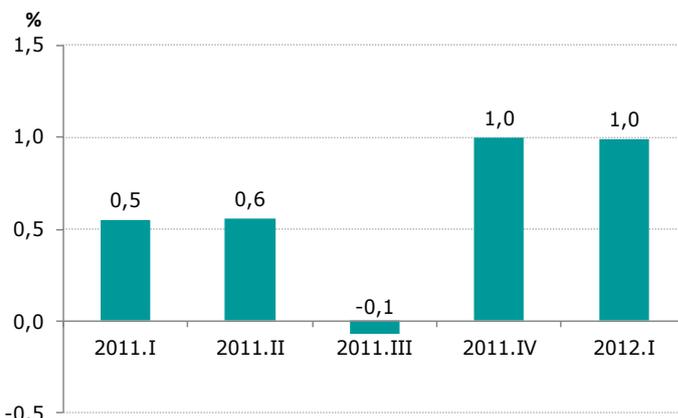
Fonte: Pesquisa Mensal do Emprego/IBGE

**Gráf. 4: Rendimento médio real habitualmente recebido**



Fonte: Pesquisa Mensal do Emprego/IBGE.

**Gráf. 5: Variação trimestral da despesa de consumo das famílias (%)**



Fonte: Contas Trimestrais IBGE.

**2.5 Inflação**

Ao contrário do que ocorreu no 1º Tri/11, quando a inflação medida pelo IPCA aumentou, no 1º Tri/12 a tendência foi de queda. Em janeiro de 2012, a inflação acumulada nos 12 meses estava em 6,2%, acima do nível do mesmo mês em 2011 (6,0%). Nos meses seguintes, houve quedas, o que fez com que o índice em março fechasse em 5,2%, contra 6,3% de março de 2011. Em abril de 2012, houve nova queda da inflação, fechando o mês em 5,1%.

De acordo com os dados divulgados pelo IBGE, os setores que mais contribuíram para a tendência descendente da inflação foram o de Alimentação e Bebidas e o de Vestuário, impactados pela queda dos preços internacionais das *commodities*.

**2.6 Mercado de Juros e Crédito**

Em junho, o Banco Central reduziu a taxa Selic para 8,5%, dando continuidade à política monetária flexível. Essa medida indica uma intenção do governo de estimular o nível de atividade econômica do país, por meio do consumo das famílias via expansão do crédito. Em março, o volume total de crédito em relação ao PIB foi de 49,4%

Se, por um lado, a expansão de crédito aumenta o consumo, por outro, pode aumentar o endividamento. De acordo com os dados do banco Central, o endividamento das famílias brasileiras, que em março de 2011 consumia 40,1% dos seus rendimentos, em março de 2012 passou a consumir 43,0% (Gráfico 8), um aumento de 2,9 pontos percentuais. Tanto o endividamento quanto a inadimplência aumentaram, seja para empresas ou para indivíduos (Gráfico 9).

**2.7 Câmbio**

No início de 2012, devido à política monetária expansionista para estimular o crescimento econômico dos países desenvolvidos, houve aumento do fluxo de entrada de capital estrangeiro no Brasil. Assim, em fevereiro, o Real atingiu o valor mínimo de R\$1,70 em relação ao dólar.

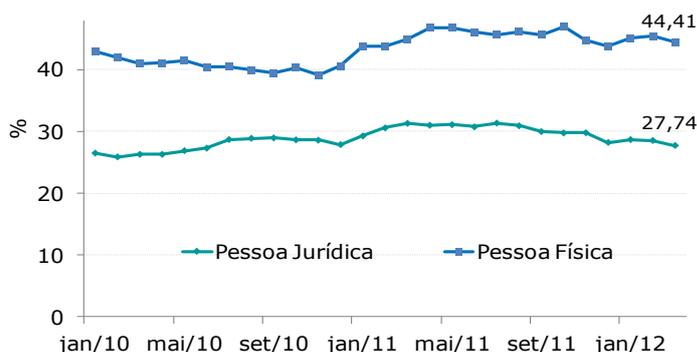
Entretanto, o agravamento da crise internacional reverteu a tendência de desvalorização da moeda nacional, que passou do patamar dos R\$2,00 em maio.

**Gráfico 6: Índice de Inflação IPCA - Acumulado nos últimos 12 meses**



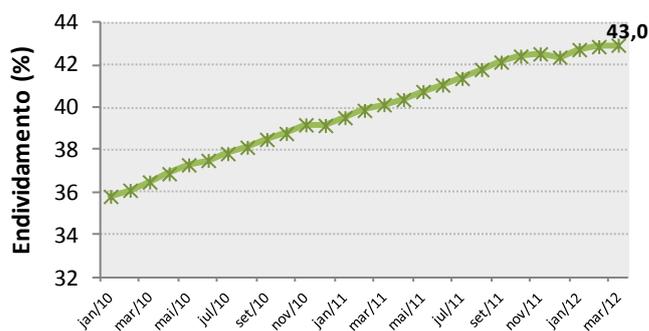
Fonte: SIDRA IBGE.

**Gráfico 7: Taxas de juros das operações de crédito**



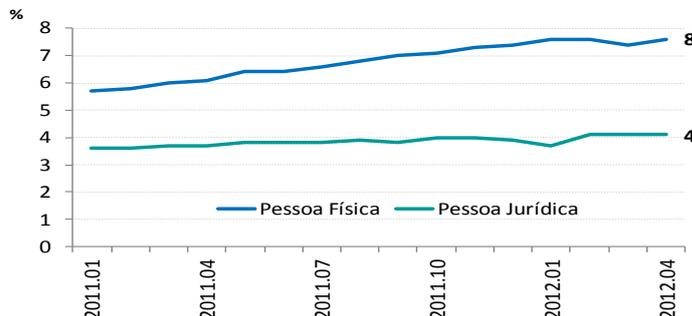
Fonte: Banco Central.

**Gráfico 8: Endividamento das famílias em relação à renda acumulada dos últimos doze meses (%)**



Fonte: Banco Central do Brasil.

**Gráfico 9: Taxas de Inadimplência**



Fonte: Banco Central.

**3. Síntese do Cenário Macroeconômico**

Variável	Variação em 12 meses (entre 1ºTri/2011 e 1ºTri/2012)		
<b>PIB</b>	0,8%		
Variável	1ºTri/2011	1ºTri/2012	Δ% no período
Consumo da Administração Pública (R\$ milhões correntes)	179.641	203.095	13,1%
Consumo das famílias (R\$ milhões correntes)	601.849	658.906	9,5%
<b>Emprego e Renda - PME (Regiões Metropolitanas)</b>	Mar/11	Mar/12	Δ% no período
População Ocupada (Em mil pessoas)	22.279	22.646	1,6
Empregados com carteira assinada (Em mil pessoas)	11.814	12.125	2,6
Empregados no setor público (Em mil pessoas)	1.665	1.779	6,8
Renda média real mensal (R\$ correntes)			
População Ocupada	1595,47	1.728,40	8,3
Setor privado com carteira assinada	1.469,13	1.579,10	7,5
Setor público	2.615,47	2.759,80	5,5
<b>Inflação</b>	Jan/12	Fev/12	Mar/12
IPCA (%) – Variação em 12 meses	6,2	5,8	5,2
IGP-M (%) – Variação em 12 meses	4,5	3,4	3,2
<b>Juros e Câmbio</b>	30/mar/11	30/mar/12	Δ%no período
Taxa de Juros Selic (%) - Último dia do mês	11,75	9,75	- 2,00 p. p.
Câmbio (R\$/US\$) - Último dia do mês	1,64	1,82	11%

**Referências**IBGE:

Banco de Dados Agregados—Sidra

Contas Nacionais Trimestrais/ 1º Trimestre-2012

Pesquisa Mensal do Emprego—PME

Banco Central do Brasil:

Sistema Gerenciador de Séries Temporais—SGS

Boletim Focus

Ministério do Trabalho e Emprego — MTE:Cadastro Geral de Empregados e Desempregados—  
Caged

Relação Anual de Informações Anuais — RAIS

**Saúde Suplementar em Números**

Os últimos dados disponíveis para o setor de saúde suplementar foram os divulgados em junho de 2012 (com data-base março de 2012), já analisados na 21ª Edição da Nota de Acompanhamento do Caderno de Informação da Saúde Suplementar de junho de 2012, disponível em <http://iess.org.br/Naciss21edjun12.pdf>

<sup>1</sup> Classificação do IBGE publicada em 1980, composta por cinco categorias: Indústria, construção Civil, Comércio, Serviços e Agropecuária.

**EQUIPE**Luiz Augusto Carneiro  
*Superintendente Executivo*Amanda Reis A. Silva  
*Pesquisadora*Francine Leite  
*Pesquisadora*Rua Joaquim Floriano 1052, conj. 42  
CEP 04534 004  
Itaim Bibi, São Paulo  
[www.iess.org.br](http://www.iess.org.br)Tel: 55-11-3706-9747  
Fax: 55-11-3706-9746  
Email: [contato@iess.org.br](mailto:contato@iess.org.br)Documento disponível em:  
<http://www.iess.org.br/ConjunturaSS18edjun2012.pdf>